

CASA[®]

VOGUE

ANO 13 - Nº 2 - 1989 - NCz\$ 5,00

BRASIL

COLECÇÕES

DEMOLIÇÃO ARQUEOLOGIA URBANA

Coletando e reciclando portas, janelas e vitrais retirados de antigos casarões, Moacyr dos Santos reinventa novos significados para signos de uma cultura ferida de morte.

Rodolfo Guttilla
Fotos Elisabethsky

Existe um certo consenso entre os cientistas políticos, de que a revolução de 1930 foi o movimento que, ao quebrar a espinha dorsal da oligarquia agrária (que, aliada a certos segmentos de uma incipiente burguesia industrial nacional detinha o poder até então), acabou criando condições para a implantação de um capitalismo de tipo moderno no Brasil. Contudo, no plano estético, a superação do antigo modelo viria somente cerca de quarenta anos depois, quando as corporações financeiras, ao deixar o centro antigo da cidade de São Paulo, decidiram instalar-se justamente na avenida Paulista, antigo reduto daquela mesma oligarquia, assinando a sentença de morte dos palacetes e casarões da antiga classe dominante e de toda uma época por eles representada. A década de 70 foi assim marcada por um sucessivo "por abaixo" destas casas que se esparramavam por toda a extensão da avenida. Neste momento, o mercado imobiliário vivenciava um *boom* sem par na história da cidade, e esta onda de demolições acabou por refluir nas avenidas Angélica, Higienópolis e imediações, ricas também em construções dos primeiros anos do século. Não entrando no mérito da questão, o fato é que estas casas foram postas abaixo, e os materiais de que eram feitas, postos à venda.





Boa parte do material retirado destes antigos casarões encontra-se hoje reunida em uma área de trinta mil metros quadrados, em meio à reserva do Horto Florestal de São Paulo, nas oficinas de Moacyr dos Santos, proprietário de O Velhão, loja especializada em materiais de demolição.

Em quinze anos de trabalho, Moacyr formou aquele que é, sem dúvida, um dos mais ricos acervos de peças de demolição do mercado - curiosamente, o projeto inicial de Moacyr era o de reunir material suficiente para a construção de uma única casa; a sua casa.

Ainda que trabalhando com todo o tipo de material de demolição - desde os estruturais, como tijolos e telhas, aos de acabamento, como

pisos hidráulicos, peças sanitárias, vitrais e grades de ferro - o forte d'O Velhão são as peças em madeira, sobretudo portas e janelas, em pinho-de-riga ou cabreúva, que a equipe de Moacyr restaura com cuidado verdadeiramente artesanal, recuperando a integridade da peça de acordo com as características históricas de seu fabrico. Dependendo do restauro - há casos em que uma única porta pode chegar a receber cinquenta implantes - uma porta do início do século chega a custar, aproximadamente, mil cruzados novos.

Além do restauro, O Velhão produz ainda peças originais, sob encomenda, como bares, estantes, armários e mesas, sempre a partir de madeiras nobres centenárias, como faz questão de ressaltar seu proprietário: "Hoje eu posuo cerca de cinquenta metros cúbicos de pinho-de-riga e cabreúva, retirados não apenas dos antigos casarões, mas também de armazéns das indústrias Matarazzo e de estradas de ferro desativadas. Ainda que nossas matas fossem abundantes em madeira de excelente qualidade, todo madeirame utilizado na construção dos casarões e galpões industriais no início deste século - vigas de sustentação, tesouras, caibros, portas e janelas inclusive - era importado, sobretudo da Polônia, Estônia e Lituânia".

Este paradoxo se explica primeiro pelo fato da nossa elite, a exemplo de seus iguais da matriz cultural (leia-se Paris), ter eleito o pinho-de-riga (Polônia) o *must* em matéria de madeira; e também pelo fato de não possuímos, àquela época, tecnologia necessária para trabalhar aqui a madeira, com o mesmo grau de elaboração dos mestres-artesãos europeus.

CONTINUA NA PÁG.



ARQUEOLOGIA URBANA

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 93

Este desvio seria corrigido pelo Liceu de Artes e Ofícios, criado em 1873, que, além de introduzir o maquinário necessário nas primeiras duas décadas deste século, dedicou-se, principalmente, a formar mão-de-obra especializada e, o que é mais importante, a criar as condições elementares para o surgimento de uma estética própria - projeto que seria levado a cabo, de forma quase obstinada, pelos arquitetos e empreendedores Ramos de Azevedo e Ricardo Severo. Também o grande ciclo das imigrações, iniciado no século 19 e consolidado neste século, contribuiu, em certa medida, para o desenvolvimento e aprimoramento da tecnologia local; isso porque, em meio às levadas de imigrantes europeus que aqui chegaram prontos (e "prontos") a fazer a América, encontravam-se muitos mestres-artesãos, donos de um saber imemorial, que acabou por diluir-se entre os artesãos nativos.

Assim, ao lado de portas, janelas e vitrais centenários, montados e trazidos para cá da Europa, O Velhão possui também um vasto acervo de peças criadas pelos artistas anônimos do pioneiro Liceu de Artes e Ofícios. São das oficinas do Liceu, por exemplo, a quase totalidade dos artefatos em concreto e gesso, de ornamentação de fachadas e exteriores - colunatas, mãos francesas, chafarizes e quedas d'água -, bem como algumas das mais imponentes portas e janelas embandeiradas, com quase três metros de altura, (re)descobertas por Moacyr dos Santos em seus quinze anos de andanças.

Lojas de demolição

O Velhão: estrada de Santa Inês, 3000, Mairiporã, SP, tel.: 485-1964.
Windoor: rua Francisco Baiardo, 322, Pompéia, zona oeste, SP. Tels.: 62-0405 e 62-1151.
Art Wood: estrada dos Bandeirantes, 3605, Jacarepaguá, RJ. Tel.: 342-2707

A ARQUITETURA DE UM HOMEM DE LETRAS

CONTINUAÇÃO DA PÁG. 98

a utilização de materiais descartáveis ou um pretenso estilo clássico. Eu não busco a decoração *high-tech*. Quero que a estrutura do trabalho seja emotiva. Na verdade, a maioria das coisas que faço são *antitech*".

Ele acredita que quase tudo em decoração de interiores resume-se ao vazio pós-modernista. "É tudo fachada. Pós-modernismo é somente um novo nome para o Maneirismo, movimento que sucedeu a Renascença. As pessoas estão copiando coisas que parecem modernas e em moda porque são modernas e da moda e não porque acreditam nas idéias que as geraram. O modernismo era uma questão de cultura de massa. Simplificando objetos, permitia que fossem reproduzidos em larga escala. Se hoje você faz um prédio pré-fabricado, isto significa que ele não foi desenhado para as pessoas que vão utilizar o espaço. Significa forma antes da função. Eu acredito que é necessário voltar à função e permitir que ela dite a forma. Quero o modernismo puro, trabalhar com a estrutura, e não colocar uma fachada à sua frente para que pareça neoclássica".

Quando Neville Brody optou pelo *front* da decoração de interiores, esperavam dele palavras gigantescas espalhadas pelas paredes: "É moda na Inglaterra decorar ambientes com palavras, tudo bem barato e descartável. Mas é ridículo. Criar ambientes é uma diversão. Mas existem formas de entreter que são como uma piada rápida. Você pode entreter em um nível mais alto de compreensão, surpreender. Eu, quando faço referências em meu trabalho, não são referências a outros estilos arquitetônicos, mas a outros modos de pensar".

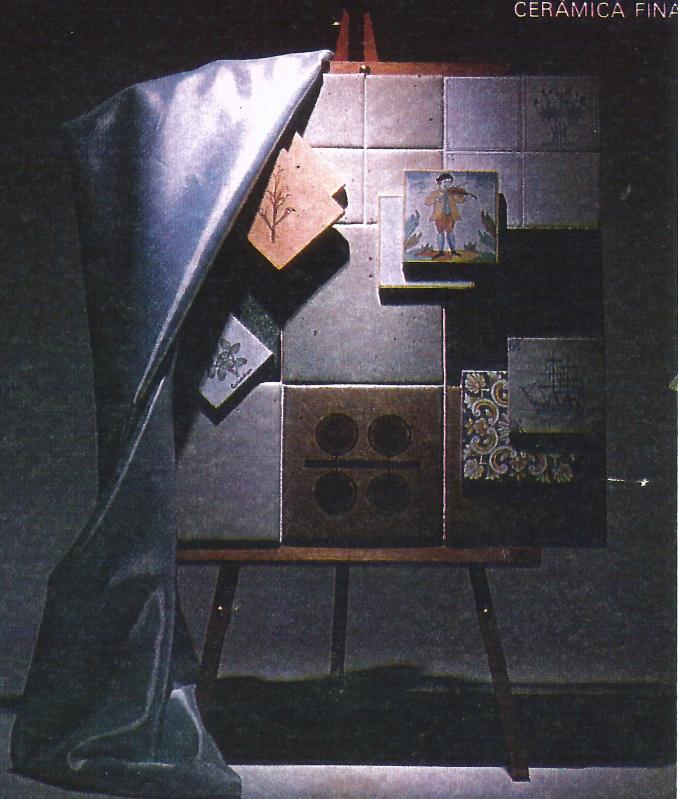
Pensar no espaço e em sua função: "O projeto nasce depois como consequência orgânica. A estrutura em si é uma fonte de emoção, um instrumento. Não quero escondê-la com uma fachada. Detesto projetos que colocam objetos em ambientes só para parecerem modernos. Modernismo é algo sobre o ato de criar ambientes esteticamente agradáveis e funcionais". Nenhuma observação de típico turista deslumbrado com as cores fortes e a latinidade escapou de Neville Brody em sua visita a São Paulo. De tudo o que viu, elogiou a "cópia do Empire State Building no centro de São Paulo". Diz que o Brasil conseguiu especializar-se no que há de pior no modernismo: "A cidade era o sonho do modernismo. Veja São Paulo, que nem planejamento teve. Modernismo era um futuro ideal.

Chegamos ao futuro e ele não tem nada de perfeito. Eu retomo o modernismo procurando excluir seus erros".

FABIO GONZALEZ

euroville

CERÂMICA FINA



TERRACOTA, RÚSTICO, COLONIAL, COUNTRY, ARTESANAL

DISTRIBUIDOR ANTIGUA

RUA TABAPUÃ, 1.457, TELS.: (011) 813-6582, 212-4537, SP.
AV. VEREADOR JOÃO DE LUCA, 682, TEL.: (011) 562-4750, SP.

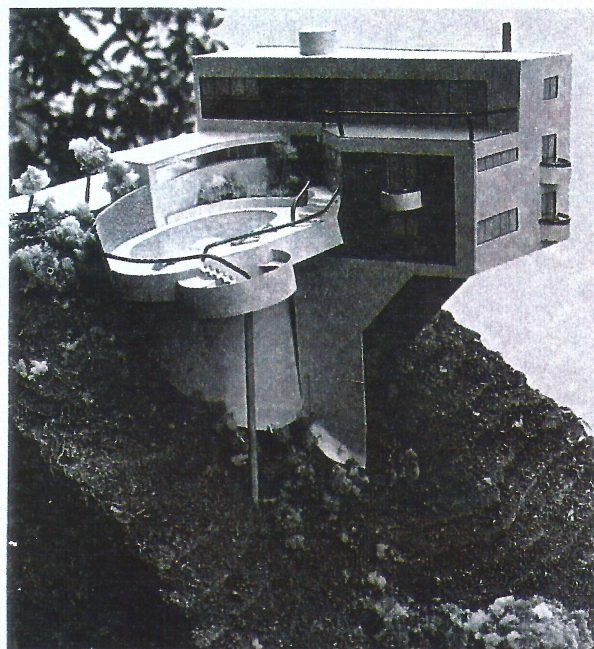


FOTO ALAIN BRUGIER

Um novo estilo de construção

STEEL
DIVISÃO CONSTRUÇÕES

CALÇ. ORQUIDEAS, 55 - C. COMERC. - ALPHAVILLE
FONES: 421-6220 - 421-4265